

LA ULTIMA CARTA DE LA DEMOCRACIA

Manoel Grott

Encimamos estas linhas com o título de um livro escrito pelo intelectual peruano Don Rafael Larco Herrera.

Sua senhoria é um autêntico e sincero americanista. E, sendo um defensor dos ideais americanos, é, ao mesmo tempo, um egrégio pregador da sã democracia. Todavia, o pensador peruano, numa análise serena e documentada, sente muito frágeis os laços de solidariedade continental.

Efetivamente, estamos, ainda, numa união apenas demagógica e literária. No dia do pan-americanismo, festas nas casas de ensino, encantadoras palestras pelo rádio, discursos nas praças públicas, continuamos unidos pela palavra e separados pelo exemplo.

Divergimos, mesmo, em distâncias de governo, o que importa, logicamente, em distanciar os países americanos dos ideais de liberdade pregados por Bolívar e Jefferson. Sem liderança, sem supremacia de uns sobre os outros, os países do Novo Mundo precisam, antes de tudo, criar uma consciência americana. É forçoso que o novo continente una-se sob a égide democrática sonhada pelos heróicos libertadores da jovem América. É intuitivo que a função de governar é uma faculdade do povo e nunca a vontade tirânica e despótica de um só homem. Assim, fóra da democracia não há regime social que se enquadre no conceito lógico de justiça e liberdade. Só às constituições democráticas cabe o direito de evitar o entrechoque das liberdades individuais e coletivas e nunca aos caprichos de um ditador.

Assim pensaram os heróicos libertadores do Novo Mundo e do mesmo modo julgam os sinceros americanistas. Regimes ditatoriais, tenham o nome que tiverem, ou venham da Ásia ou esporadicamente da própria América, não encontram clima entre os países deste pedaço livre do mundo. Felizmente, as ditaduras têm a duração fugaz dos meteoros, mas deixam chagas profundas nos destinos dos homens e dos povos à semelhança de pragas e epidemias sociais.

Os ditadores desfraldam, sempre, uma falsa bandeira de salvação, com promessas de justiça e de equidade. Toca-lhes, dizem eles, a elevada missão de corrigir os erros de uma época, equilibrar finanças e alevantar o nível social do povo. E, para execução dum programa de mentiras, criam uma polícia de capangas, especializada em prisões e métodos de torturas. A imprensa resta uma única liberdade, a de tecer encômios às violências do ditador.

As gerações criadas sob os regimes ditatoriais constituem uma multidão de acorçados e abastados. O pensamento livre é a única força capaz de dirigir os povos adiantados.

Don Herrera, condenando os governos de violência e de força, é um exemplo e uma lição viva aos homens e aos povos do jovem continente. Já dissera Victor Hugo, que o pensamento é uma tempestade eterna e, acrescentamos nós, invencível. Lembremos, ainda, que para viver com dignidade, a liberdade não é um acidente, é uma condição. Perante Deus, diante do direito todos os homens são iguais. Diferem, apenas, nos destinos que o Criador reservou a cada um. A inteligência e a moral, só podem, quasi nada, diferenciar os homens deste astro quasi apagado do Universo infinito e insondável.

Não há milagres nem exceções profundas na existência dos homens e é, por isso, diz Poincaré, que ele é divino.

Rege-o uma harmonia incompreendida de leis oriundas de uma razão superior que uma única palavra pode defini-la: Deus.

O ditador é uma exceção criminosa e repulsiva dentro da sociedade humana.

Don Herrera, por isso e com muita lógica, insurge-se contra os regimes de força. Seu livro, **La última carta de la democracia**, é um aviso e uma lição aos homens livres das Américas e do mundo. Os ditadores, porque estão fóra da lei, sem equilíbrio na consciência do povo, criam e orientam o seu departamento de propaganda, à custa dos cofres públicos. A liberdade de pensamento, as críticas honestas passam, então, a ser um crime contra as instituições e à economia popular. Há sempre um pretexto para asfixiar e amordaçar a imprensa livre.

É um fenômeno comum nos ditadores: eles não julgam, nunca, finda a sua missão. Para que não dilatam seu poder nefasto, já apodrecido, derriba-os uma revolução popular. Dissipam-se, assim, a noite do direito e o eclipse da liberdade. Não basta implantar um regime de justiça e de equilíbrio. É preciso, acima de tudo, conservá-lo. Depois de anatematizar os regimes despóticos, Don Rafael Herrera alerta as democracias sobre o perigo vermelho. O sub-título de seu livro, **América en la encrucijada roja**, é o peristilo de uma campanha elucidativa e condenatória do credo moscovita. Nós não somos inimigos da Rússia. Admiramos a sua ciência, a sua música e a sua literatura. Os russos têm direito à vida e à felicidade. O que extranhámos é que, tendo uma sociedade ideal, escondam-na sob uma cortina de ferro. É da filosofia popular que não se deve comprar nabos em saco. Não duvidamos, mesmo, que o comunismo seja uma ótima forma de governo para os asiáticos-europeus. E, sendo assim, guardem-na para si e vivam contentes. O que não admitimos é que um país queira impôr ao resto do mundo os seus métodos de viver e governar. Os visionários, sejam um homem ou um povo,

têm o seu destino traçado pela lição fecunda da história: acharão, um dia, a sua Santa Helena. O eminente senador brasileiro, Alberto Pasqualini, em memorável entrevista, disse, e é uma verdade: "o perigo comunista aumenta à medida que o regime capitalista mostra-se incapaz de resolver os problemas económicos e sociais". De outra parte, afirma o Dr. Pasqualini: "o capitalismo apodrece pela corrupção". O equilíbrio, sendo a base da harmonia incomparável do universo, é-o, também, da sociedade. Restabelecê-lo entre os homens e os povos é a missão precípua dos espíritos esclarecidos. Temos para nós que o melhor meio de evitar regimes exóticos é aperfeiçoar as nossas precárias democracias. Realizações, em vez de promessas; assistência social efetiva, em lugar de sábios textos constitucionais inexecutáveis; liberdade de fato, sem, siquer, tangenciar a liberdade de outrem, unidade espiritual; equidade económica; honestidade administrativa; justiça real, sem demagogia e sem distinção, seriam os caracteres de uma sã democracia. Precisaríamos, para isso, de um cidadão **standard**", o que é, aliás, uma lamentável utopia. Começa porque

o homem tem medo da verdade moral. A única realidade objetiva a que podemos atingir, é um meio termo, uma relativa harmonia social. E para isso atingir não é preciso muita sociologia, nem ciência ou filosofia. Chega, mostra-o a prática, um pouco de honestidade e bom senso. Don Herrera não quer muito no seu livro, apenas, que objetivemos as relações inter-americanas. E tem razão porque, afinal, palavras e só palavras nada significam e pouco realizam. O perigo que nos ameaça, pensa Don Herrera, não se restringe à pirotécnica solidariedade da jovem América.

Vem ainda dos outros continentes. Não fóra a distância e o grande amigo, Oceano Atlântico, já estaríamos devorados pela Europa e mesmo pela Ásia longínqua.

Há um só remédio para a sobrevivência do Novo Mundo: união objetiva, sob o dia claro de uma sã democracia.

A Don Herrera, a pena cintilante do Perú, o nosso abraço amigo e de parabéns pelo sucesso do livro que, em boa hora, escreveu.